O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar: (Ervidel, Aljustrel)

Autor(es): Parreira, Rui; Berrocal Rangel, Luis

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45544>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_2

Accessed : 26-Apr-2023 10:01:55

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

Rui PARREIRA

I PPC, Direcção Regional de Évora
R. de Burgos, 5, P — 7000 Évora

Luis BERROCAL RANGEL

Departamento de Prehistoria y Arqueologia, Universidad Autónoma de Madrid
Ciudad Universitaria de Canto Blanco, 3-28048 Madrid

O POVOADO DA 11 IDADE DO FERRO DA HERDADE DO POMAR
(ERVIDEL, ALJUSTREL)

«Conimbriga», XXIX, 1990, 39-57

RESUMO: Relatório da breve sondagem efectuada, em 1978, neste pequeno povoado datável do século IV a. C. Conclui-se pela sua ocupação durante um período relativamente curto, com a finalidade específica de vigilância e exploração de recursos agrícolas, pecuários ou minerais que exigiam uma presença próxima.

RÉSUMÉ: Rapport du court sondage effectué, en 1978, dans ce petit site datable du IV^{ème} siècle a. J. C. Les céramiques y trouvées ont permis conclure que l'homme a occupé le local pendant une période relativement courte, avec l'intention précise de surveiller la production agricole, l'élevage du bétail ou l'exploitation minière, qui exigeaient une présence assez proche.

(Página deixada propositadamente em branco)

O POVOADO DA II IDADE DO FERRO DA HERDADE DO POMAR (ERVIDEL, ALJUSTREL)

Introdução

Antecedentes

Durante o mês de Outubro de 1978 realizou-se uma campanha de escavações de emergência num lugar conhecido como Herdade do Pomar, escassos quilómetros a noroeste de Ervidel, Concelho de Aljustrel e Distrito de Beja, no Baixo Alentejo.

Dirigida por Jorge Pinho Monteiro e Rui Parreira, a campanha incidiu sobre pontos do lugar, particularmente interessante por nele se terem achado duas esteias, provenientes de uma necrópole da Idade do Bronze dispersa em vários núcleos. Uma dessas esteias fora publicada já em 1973 — embora incorrectamente se lhe atribuisse então Santa Vitória como local de proveniência — (Coelho 1975: 196), a outra dada a conhecer posteriormente, em 1976, por Pinho Monteiro e por Mário Varela Gomes, juntamente com uma nova documentação da estela já anteriormente publicada (Gomes & Monteiro 1976-77: 197, 281-343; 1977: 166-214).

Perante a ameaça de destruição pelos trabalhos agrícolas, procedeu-se então à escavação de urgência de um dos núcleos aparentemente mais intactos da necrópole. Abriu-se, além disso, num sítio algo mais distanciado, uma área de 45 m², com o objectivo de localizar e documentar um habitat, de início presumivelmente relacionado com a necrópole. Situado junto ao monte da Herdade, esse lugar apresentava, dispersos à superfície, alguns fragmentos de cerâmica. Numa das zonas de maior concentração, porém, aqueles materiais indicavam uma datação da Idade do Ferro.

A publicação dos resultados dessas sondagens na necrópole da Idade do Bronze e no habitat, que as escavações permitiram datar indubitavelmente na II Idade do Ferro, preparavam-se em colaboração com Jorge Pinho Monteiro. A sua morte prematura veio afinal atrasar todo o trabalho. Agora, com um maior conhecimento da evolução e caracterização da II Idade do Ferro alentejana e com os trabalhos que um de nós vem desenvolvendo no âmbito da sua dissertação de doutoramento, criaram-se por fim as condições para que o relatório dos trabalhos no povoado possa tomar letra de forma, enquanto a publicação das sondagens na necrópole se prepara, em colaboração com Mário Varela Gomes e Teresa Matos Fernandes.

Situação

O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar localiza-se numa plataforma para sul, na direcção da margem setentrional da actual albufeira do Roxo. Pelo sudoeste, leste e noroeste encontra-se flanqueado por várias pequenas ribeiras que correm para o Rio Roxo, importante afluente da margem direita do Sado (cf. figs. 1 e 2).

Segundo a Carta Corográfica de Portugal na escala 1:50000, folha 43-C, o local possui as coordenadas 37° 58' 20"N. 18° 4' 30" W. Greenwich. As suas cotas oscilam ligeiramente acima dos 160m, nunca superando os 170m de altitude. Situado numa região de peneplanície, a escassa elevação acima das várzeas das ribeiras circundantes permite ainda assim o domínio visual dos arredores mais próximos. Numa paisagem povoada de oliveiras e de algumas azinheiras, a camada de barro, escura e fértil, possibilita a rotação dos cereais — e tem vindo a ser cada vez mais profundamente revolvida pelo arado.

Na paisagem ocupada pelos povoados da II Idade do Ferro alentejana, o de Pomar 1 (assim chamado para distingui-lo da necrópole da Idade do Bronze, designada como Pomar 2) situa-se a meio caminho entre as bacias do Sado e do Guadiana, cuja linha divisória é marcada pelas elevações onde está Beja, correndo o Roxo, que ali nasce, para ocidente e a Ribeira de Quintos para oriente, indo depois desaguar no Guadiana. Nas margens destes cursos de água têm vindo a localizar-se alguns povoados do Ferro II alentejano: desde o Castelo Velho de Miróbriga (Soares & Silva 1979; Biers 1988) e da Pedra da Atalaia (Silva 1978) comunica-se com facilidade, através da bacia do Sado, com o Cas-

telo Velho do Roxo (Schubart 1975: 10; est. 85b) e a partir deste, subindo o vale do rio homónimo e passando pelo Pomar, com a bacia do Guadiana, em cujas margens se encontram o Cerro Furado (Arnaud & Gamito 1974-77: 195) e a Azenha da Misericórdia (Parreira 1963: 156). Tal como temos vindo a afirmar, o factor fluvial foi fundamental na ocupação do território durante a II Idade do Ferro, isso se deduzindo do estudo da dispersão dos povoados por terras alentejanas e estremenho-ocidentais (Berrocal 1989a).

Apesar desta relação com as jazidas contemporâneas, o povoado de Pomar 1 apresenta como particularidade a sua localização num lugar quase plano e de baixa altitude, sem condições naturais de defesa, tão pouco se tendo localizado restos de estruturas defensivas artificiais, como muralhas ou fossos. Representa, portanto, um modelo de implantação habitacional até ao presente pouco conhecido nesta vasta região do Ocidente peninsular.

Escavação e documentação

No seu conjunto, esta jazida arqueológica foi designada de Herdade do Pomar 1, sendo nela individualizadas duas zonas de maior densidade de vestígios:

Zona I, localizada em redor das casas do monte, numa superfície onde aparecem dispersos materiais da II Idade do Ferro e que corresponde ao habitat aqui estudado;

Zona II, afastada cerca de 100 m para sudeste do monte, corresponde à superfície de dispersão de fragmentos de lajes de xisto. São certamente restos de sepulturas da Idade do Bronze que julgamos poder relacionar com os outros núcleos sepulcrais da jazida da Herdade do Pomar 2, embora algo distantes destes. Encostada a uma oliveira, via-se ali (em Outubro de 1978) uma grande laje rectangular de xisto, por certo antiga tampa de uma sepultura. Na ocasião, foi-nos informado ter estado durante muitos anos encostada à parede do monte do Pomar uma laje “com desenhos”, depois oferecida pelo então dono da terra, Visconde da Corte, para o Museu de Beja — pelo que a designada zona II será assim o provável local de origem da estela Ervidel I (cf. Coelho 1975; Gomes & Monteiro 1976-77; 1977).

Partindo da disposição das oliveiras que cobrem a área em redor do monte do Pomar, de molde a facilitar os trabalhos de escavação (cf. fig.

3), estabeleceu-se um sistema de coordenadas a (abcissas)/b (ordenadas). Uma cota de altura relativa (0, 00 m) foi implantada num marco de pedra, encostado à esquina sudoeste da casa oriental do monte. Marcados os pontos auxiliares com pregos metálicos, abriu-se um corte entre os limites $a = 8,50$ a $11,50$ m/b = $25,00$ a $40,00$ m, com orientação 226° SW. $\wedge$ t6 $^\circ$ NE e um desnível natural de 1,06 m.

Para a desmontagem das terras optou-se por um sistema de estratigrafia artificial, estabelecendo sectores de escavação por quadriculagem de metro a metro e registando à escala 1:20, e cotando os planos obtidos pela desmontagem das sucessivas camadas artificiais. Deste modo se obtiveram diversas unidades de recolha (complexos de achados), definidos pela sua posição a/b/c. A leitura estratigráfica dos perfis, depois combinada com a leitura dos planos, permitiu a inclusão dos complexos de achados nas unidades estratigráficas (estratos naturais) correspondentes, aferindo-se deste modo a posição estratigráfica dos achados. Solucionou-se por este meio a dificuldade de leitura estratigráfica que apresentam as terras (barros) deste lugar durante a decapagem, em que praticamente não se nota, no acto de escavação, transição de um estrato a outro, normalmente só se constatando isso no perfil depois de ultra-* passado suficientemente o limite superior de cada estrato.

O clima próprio do fim do Outono e a necessidade de recomeçar os trabalhos agrícolas não permitiram que a sondagem alcançasse o solo virgem em toda a sua superfície; tal sucedeu apenas no lado nordeste — embora se tenha podido remover na área escavada praticamente todo o nível de habitat.

Resultados

Estratigrafia e estruturas documentadas

As estruturas documentadas distribuem-se numa estratigrafia, articulada numa potência entre 0,3 e 0,6 de profundidade, composta pelos seguintes estratos, que se descrevem a partir da superfície (cf. figs. 4 e 11):

1: Na parte superior. Terra humosa, solta, de cor castanha escura e sem pedras. Corresponde à terra habitualmente revolvida pelos trabalhos agrícolas e a uma ocupação recente da área como curral de cabras. Potência aproximada entre 0,38 e 0,20 m.

Complexos de achados: 2, 3, 8, 9 e 10.

2a: Terra castanha clara, muito argilosa e com elementos orgânicos. Apareceu delimitada por uns amontoados aparentemente irregulares de blocos de grauvaque e de xisto, que começaram a aflorar entre as ordenadas 31,50/33,50 e 36,00/37,50. Corresponde ao nível de destruição do interior das estruturas habitacionais. Potência aproximada entre 0,10 e 0,20 m.

Complexos de achados: 4, 14, 15, 16 e 17; parcialmente 5, 6, 7, 11 e 13.

2b: Terra castanha, de tonalidade mais clara que 2a, muito argilosa e de textura compacta. Diferenciava-se da anterior sobretudo pela sua localização para além das acumulações de pedras, entre as ordenadas 37,50 e 40,00. Corresponde ao nível de habitat destruído no espaço envolvente das estruturas habitacionais, conservado apenas na parte de cota mais baixa do corte devido a ter sido removido pelos trabalhos agrícolas do lado nordeste, situado a uma cota mais alta. Máxima potência documentada 0,10 m.

Complexos de achados: 20, 21, 22, 33, 34, 35 e 36; parcialmente 13.

3: Terra cinzenta acastanhada, compacta mas menos dura que 2b e rica em materiais orgânicos e arqueológicos. Corresponde ao nível de ocupação de uma estrutura habitacional — cuja forma, em planta, a superfície escavada não autoriza a interpretar — com numerosos restos de cerâmica, alguns ossos de animais e, embora raro, espólio metálico. A superfície interna apresentava-se claramente delimitada pelas estruturas de pedra parcialmente visíveis desde o topo de 2a. Estas estruturas apresentavam-se sob a forma de amontoados de pedras organizados em torno (talvez melhor, ao longo) de três espaços vazios, que interpretamos como buracos de postes de madeira, estruturados, dois deles quase unidos pelas respectivas coroas de sustentação, em 10,70/37,30 e 9,70/36,80 respectivamente, e o terceiro em 10,40/31,90, separado dos dois anteriores mas que podia situar-se junto a um outro como inferimos dos restos de um amontoado menor situado em redor de 9,40/31,90 (coordenadas a/b). Era precisamente entre esses dois pares de conjuntos, por onde se estendia o estrato 3, que se documentou a maior concentração de materiais cerâmicos, claramente enquadráveis no Ferro II alentejano (cf. fig. 4). Máxima potência documentada 0,20 m.

Complexos de achados 19, 27, 28, 29, 30, 31 e 37; parcialmente 5, 6, 7 e 11.

4: Terra de cor castanha avermelhada, argilosa e muito pastosa quando húmida. Parece formar uma transição entre estratos ricos em materiais arqueológicos e a terra virgem. Localizou-se unicamente entre 30,50 e 31,50, por diante das primeiras acumulações de pedras e em posição inclinada entre os estratos 3 e 5. Corresponde a um nível de construção, realizado com barro batido e endurecido pela acção do calor, o que lhe conferiu a cor avermelhada, sobre o qual se assentaram os amontoados de pedra que delimitam a estrutura habitacional. Máxima potência 0,28 m.

Complexos de achados 12, 23 e 32.

5: Estrato de alteração da rocha de base (“caliço”, que corresponde à parte carbonatada e oxidada do substrato diorítico), subjacente aos níveis de ocupação. Localizou-se directamente por baixo do estrato 1 entre 25,00 e 30,50 aproximadamente, no lado da sondagem mais afectado pelos trabalhos agrícolas, delimitando assim em planta com nitidez os níveis de habitat.

Complexos de achados 18, 24, 25 e 26.

Cerâmica

As peças desenhadas nas figuras 5 a 7 descrevem-se de acordo com a terminologia proposta por Llanos & Vegas 1978, e por ordem de: n.º do complexo — n.º da peça. Objecto. Fabrico. Cozedura. Desengordurante. Acabamento da superfície. Decoração.

Sup-1. Fragmento de bordo e corpo. Manual? Redutora. Micáceo pequeno. Alisado cuidado. Incisões feitas a punção, oblíquas e em sucção horizontal.

0- 1. Fragmento de bojo. Manual. Redutora. Silíceo pequeno. Alisado. Impressões oblíquas sobre cordão pouco marcado.

1- 1. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Quartztítico médio. Grosseiro. Incisões corridas, oblíquas, sobre cordão.

2- 3. Fragmento de bojo. Manual. Irregular. Quartztítico médio. Grosseiro. Perfurado, com um orifício.

2-4. Fragmento de bojo. Roda? Oxidante. Silíceo pequeno. Alisado. Canelura estreita sob “pseudo-excisões” feitas com ponta de espátula.

2-5. Fragmento de bojo. Roda? Oxidante. Quartztítico médio. Alisado. Caneluras.

2-6. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Quartzítico médio. Alisado. Impressões rectangulares oblíquas.

2-8. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Quartzítico grande. Grosseiro. Impressões de dedadas.

2-9. Fragmentos ajustáveis de bojo. Manual. Altera. Quartzítico pequeno. Grosseiro. Incisões caneladas sobre cordão.

2-36. Fragmentos de bordo. Roda. Oxidante. Pasta depurada. Alisado.

4-1. Fragmentos ajustáveis de bordo e corpo. Manual? Redutora. Micáceo e quartzítico pequeno. Alisado. Incisões oblíquas sobre cordão.

4-10. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Quartzítico pequeno. Alisado. Mamilo piramidal.

7-1. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Micáceo médio. Alisado. Com impressões caneladas em zigzag sobre cordão.

14-49. Fragmento de bojo. Roda? Oxidante. Quartzítico médio. Alisado. Canelura larga horizontal sob impressões oblíquas.

14- 58. Fragmento de tampa. Manual. Redutora. Micáceo e quartzítico médio. Grosseiro.

15- 14. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Silíceo pequeno. Alisado. Canelura horizontal sobre incisões oblíquas feitas a punção.

15-15. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Silíceo pequeno. Alisado. Canelura larga horizontal sobre incisões oblíquas feitas a punção.

15-17. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Silíceo médio. Alisado. Asa de orelhetas oblíqua, perfurada.

15-24. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Quartzítico pequeno. Alisado. Mamilo horizontal.

15- 25. Fragmento de bojo. Manual. Alterna. Quartzítico pequeno. Alisado. Incisões oblíquas pequenas sobre cordão.

16- 3. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Quartzítico pequeno. Alisado. Impressões caneladas sobre cordão aplicado.

16-9. Fragmento de bojo. Torno. Oxidante. Depurada. Engobe vermelho (“barniz rojo”) ibérico, espatulado na face externa.

16- 30. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Micáceo pequeno. Alisado. Incisões oblíquas feitas a punção sob canelura horizontal.

17- 2. Fragmentos ajustáveis de bojo. Manual (?). Redutora. Micáceo e quartzítico pequeno. Alisado. Incisões oblíquas caneladas sobre cordão.

19-10. Fragmentos de bojo. Manual. Redutora. Quartzítico médio. Alisado. Incisões verticais caneladas sobre cordão.

19-27. Fragmento de bojo. Manual. Oxidante. Quartzítico pequeno. Alisado. Impressões de dedadas sobre cordão aplicado.

20-6. Fragmento de bojo. Manual (?). Redutora. Micáceo pequeno. Alisado. Mamilo vertical.

27-13. Fragmento de bojo. Manual. Irregular. Micáceo e quartzítico pequeno. Alisado. Incisões verticais feitas a punção sobre cordão.

28-1. Fragmento de bordo e corpo. Manual. Redutora. Micáceo e quartzítico médio. Alisado. Cordão horizontal aplicado.

28-9. Fragmento de bojo. Manual. Redutora. Quartzítico pequeno. Alisado. Incisões oblíquas de unhadas sobre cordão.

29-42 e 63. Fragmentos ajustáveis de bordo e corpo. Manual. Redutora. Micáceo pequeno. Alisado. Impressões caneladas oblíquas sobre cordão.

30-2. Fragmento de bojo. Torno. Oxidante. Silíceo pequeno. Alisado. Linha de estampilhas triangulares em forma de ângulos agudos concêntricos.

35-23. Fragmento de bojo. Manual. Redutora. Quartzítico médio. Grosseiro. Impressões caneladas sobre cordão.

35-33. Fragmento de asa mamilar de uma tampa (?). Manual. Irregular. Quartzítico e micáceo médio. Alisado. Incisões oblíquas.

2-1. Cossoiro. Redutora. Quartzítico médio. Alisado. Linhas de impressões a punção, em ziguezague.

2-2. Cossoiro. Redutora. Quartzítico médio. Alisado.

4-3. Cossoiro. Redutora. Quartzítico médio. Alisado.

Ferro

28-7. Fragmento da extremidade proximal de um instrumento (faca ?) com orifício para aplicação de um rebite.

Pedra

3-68. Seixo afeiçoado com diversos retoques, de talhe bifacial.

Discussão

As estruturas identificadas e o povoamento

Estruturas tão simples como a documentada nesta sondagem de 45 m² exigem uma maior superfície de escavação para que possam retirar-se conclusões suficientemente seguras.

Assim, não se irá muito além da constatação da presença de uma estrutura habitacional rudimentar, com uma planta de tendência rectangular com cerca de quatro metros de largura, sendo as paredes construídas com ramagens e madeiramentos, apoiados num sistema de postes distanciados entre si cerca de um metro. Estes postes, com cerca de vinte centímetros de diâmetro, eram cravados em buracos abertos num solo de terra endurecida — quiçá por acção do calor — e rodeados com um aglomerado de pedras irregulares. É de supor que a cobertura fosse igualmente constituída por materiais orgânicos, não observados no registo arqueológico.

Este tipo de estruturas, que não possuíam sequer uma base de pedra sobre a qual se elevassem as paredes, é pouco conhecido nos povoados da II Idade do Ferro no Sudoeste da Península, menos pela sua inexistência do que pelas suas poucas possibilidades de conservação (se as compararmos com as paredes em adobe ou taipa com embasamento de pedra ou em cantaria) ou pelo facto de passarem despercebidas aos olhos dos arqueólogos (acreditamos que muitas possam ter sido destruídas noutras escavações, não tendo sido valorizadas como vestígios de construções). Não nos ficam dúvidas de que estruturas como esta devem ter sido abundantes, tal como ainda hoje o são.

No mesmo sentido desta “pobreza” construtiva pode também interpretar-se a situação do povoado, num lugar de fácil acesso e sem defesas naturais ou artificiais perceptíveis, contrariamente ao que se observa nos restantes povoados pré-romanos do Alentejo, que costumam ocupar elevações com boas condições naturais de defesa e geralmente bem defendidas.

Não obstante, conhecem-se alguns exemplos onde o factor defesa não desempenhou o papel determinante na escolha do sítio. É o caso de pequenos habitats como a Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém), onde não se documentaram restos de muralhas, embora ocupasse uma elevação isolada, o Cabeço da Guarita, de reduzida extensão (Silva 1978: 117 e 125). Mais semelhante à situação do habitat de Monte do Pomar é a dos

povoados de Porto das Lajes (Ourique, escavações inéditas de Virgílio Correia a quem se agradecem estas informações), Fonte Santa (Ourique) e Atafona (Almodôvar), numa colina pouco pronunciada e sem aparentes vestígios de muralhas (descobertas inéditas de Caetano Beirão, que amavelmente nos guiou na visita a estes sítios). Contudo, os troços construídos com lajes de xisto, insossas, observáveis na Atafona, indicam um tipo de habitat de uso mais duradouro. A existência de sítios com construções em materiais inteiramente perecíveis e sem defesas observáveis não contradiz, contudo, um contexto geral em que as fortes construções defensivas e os habitats de difícil acesso dão a tónica dominante: p. ex., o Castelo Velho de Miróbriga, com poderosas muralhas (Biers 1988: 19-25), os castros dos arredores de Eivas e Estremoz, como Segóvia, Baldio ou Vaiamonte (Arnaud & Gamito 1974-77: 193 ss.; Gamito 1983: 67; 1988: 149-162) ou ainda os da bacia do Ardila, já em terras estremenhas, como o Castrejón de Capote, Nertóbriga ou o Cantamento de la Pepina (Berrocal 1988: 49-50; 1989; Rodriguez & Berrocal 1988-89).

Estas características permitem supor que o povoado do Pomar 1 poderia configurar uma resposta a necessidades diferentes, bem como um mais curto período de ocupação, que decorreriam da exploração de recursos específicos, situados a certa distância de um povoado permanente e fortificado, que neste caso deverá ter sido certamente o Castelo Velho do Roxo, situado uns seis quilómetros para sudoeste (fig. 1, cf. Schubart 1975: 10, Taf. 85b).

Este Castelo Velho do Roxo localiza-se num ponto assinalado pelas coordenadas 37° 55' 40" N. — 8° 06' 20" W. (Greenwich), ocupando uma área de cerca de dois hectares. O lugar, claramente identificável por ser delimitado pela confluência da ribeira que desce de Ervidel com o rio Roxo, apresenta a forma de uma península amesetada, com ladeiras de acentuada pendente que a limitam e que conduzem aos dois cursos de água. As margens de ambos aproximam-se numa curva pronunciada, uns quatrocentos metros a montante do ponto de confluência, até entre elas restar cerca de uma vintena de metros, marcando assim um limite natural ao povoado e às suas fortificações pelo único ponto de acesso fácil. Uma simples observação permite identificar sem dificuldade uma linha de muralhas que bordeja o terreno pela parte superior das ladeiras. Ainda se observam troços desse muro, que se mantêm visíveis com pouco mais de um metro de altura e com um aparelho de lajes de xisto, insossas ou com uma argamassa de barro, cuja estabilidade é reforçada com pequenas cunhas. No extremo noroeste da fortificação, sobre a con-

fluência dos dois rios, e no oposto, a sudeste, sobre o estrangulamento da península, localizam-se montículos que poderão corresponder a bastiões ou outras construções defensivas ali concentradas. De facto, no extremo sudeste, observa-se o que pode ser considerado um fosso estreito e curto que separaria totalmente o povoado das colinas adjacentes. Trata-se de uma disposição idêntica em situação e orientação à que se observa no castro de Capote, na fronteira de Badajoz. Como nele, o acesso faz-se mediante uma rampa serpenteante que, no caso do povoado alentejano, sobe desde a margem do Roxo ao lanço sudeste da muralha. O povoado corresponde, portanto, às características mais comuns dos povoados alentejanos do Ferro II. A sua relação com o domínio de um antigo vau do Roxo parece demonstrar-se pela dispersão de outros povoados ao longo do caminho que a ele conduzia (fig. 2). Esse passo estará hoje coberto pela ponte da estrada Ervidel-Aljustrel.

Pomar 1 apresenta com este castro uma proximidade e uma relação geográfica cujo exacto significado só poderá confirmar-se através da escavação do Castelo Velho mas que os materiais neste já recolhidos à superfície parecem demonstrar (recolhas inéditas de Philine Kalb).

Se procurarmos a possível via de comunicação entre os dois povoados, será fácil localizá-la em sentido paralelo à pequena ribeira que nasce em Ervidel. Esta rota estaria hoje assinalada pela estrada que une Aljustrel com Ervidel. Mais adiante, quando a estrada curva bruscamente para norte, é o velho caminho de Ervidel a Mombeja que nos conduz ao pé do Pomar (fig. 1). Fosse ou não esta provável rota uma via pré-romana, ou mesmo omana (a julgar pela sua linearidade), o certo é que ao longo dela se perfilam pelo menos quatro povoados da II Idade do Ferro, todos eles separados por distâncias variáveis entre seis a nove quilómetros (fig. 2). Assim, ao norte da estrada—/—de Beringel a Mombeja localiza-se o vasto povoado de Outeiro do Circo (n.º 5): a evidência da sua ocupação no Bronze final foi já publicada (Parreira 1971-75; Parreira & Soares 1980) mas a revisão de alguns materiais e novos achados mostram uma ocupação pré-romana da Idade do Ferro e outras posteriores. Continuando para sudoeste, a rota coincide com o velho caminho — *e*—já mencionado, de Mombeja a Ervidel, que passa junto ao povoado do Pomar (n.º 1). A estrada de Ervidel a Aljustrel — *d*—assinala o troço que uniria o Pomar 1 com o Castelo Velho do Roxo (n.º 2) e que chegava a Aljustrel, com o grande povoado pré-romano de Mangancha (n.º 3) e provavelmente ainda com outros locais habitados junto aos chapéus-de-ferro de Algares e de São João do

Deserto (cf. Domergue & Andrade 1971; Domergue 1983: 18 ss). O troço de estrada — *c* — que une Aljustrel e Messejana — *A* — e que continuaria pelo velho caminho — *b* — de Messejana a Panóias — *B*—, passando pelas minas do Montinho da Águia, ligaria finalmente a rota aqui proposta ao importante povoado pré-romano de Garvão (n.º 4) (Beirão et al. 1985).

Se tivermos em conta que a distancia entre os quatro primeiros sítios arqueológicos oscila entre os nove e os seis quilómetros, não será descabido supor a existência de, pelo menos, outros dois povoados, junto respectivamente de Messejana e de Panóias, cobrindo assim a distância de aproximadamente 27 km que, seguindo a rota acima proposta, separa Mangancha de Garvão (fig. 2, A e B). Estes locais poderão vir a localizar-se junto ao castelo de Messejana, que à superfície tem revelado materiais de época romana, ou à jazida de Cerro dos Enforcados, a norte de Panóias, de onde provêm duas esteias com escrita pré-latina do Sudoeste (Beirão 1986: 129). A localização de um habitat do Ferro II neste último lugar, ou nos seus arredores, torna-se mais plausível à medida que se vão conhecendo mais povoados e necrópoles desta época nos arredores do importante santuário de Garvão: tal o caso das jazidas da Fonte Santa, 5 km para leste (Beirão 1986: 29 e 67).

Do ponto de vista arqueológico, a identidade de formas e decorações entre a cerâmica do Pomar 1 e do depósito de Garvão reforça a presunção desta via, cuja função terá sido unir os diversos povoados existentes entre as bacias do Sado e do Roxo, orientada pela existência de ricas jazidas minerais, como as de Montinho da Águia, Algaes, São João do Deserto e Juliana (cf. na fig. 2 os locais assinalados com x).

A cerâmica

A homogeneidade apresentada pela cerâmica reforça a ideia de que estamos perante um habitat de ocupação curta, embora intensiva. O estudo global dos fragmentos recuperados mostra os seguintes fabricos:

A — Pastas pouco depuradas, com desengordurantes quartzíticos e micáceos de tamanho médio, cozedura redutora ou irregular, matizando-as entre o negro e os castanhos escuros, e acabamento alisado ou grosseiro, especialmente nas superfícies internas. São vasilhas feitas manualmente ou onde por vezes se adivinha o uso do torno lento. Dir-se-ia que

todas elas procedem do mesmo oleiro, ou pelo menos da mesma zona — o que as confirma como produção local.

Também as formas e as decorações mostram esta uniformidade.

Quanto às formas, confinam-se basicamente a dois grupos: vasos abertos, de corpo trococónico e, em menor número, em calote esférica, com paredes que chegam a ser quase verticais — n.^{os} 0-5, 4-6, 2-25, 28-1 e 15- 17, 2-32 — e vasos de tendência fechada, com corpo ovoide, sem colo diferenciável e bordo ligeiramente reentrante, apresentando por vezes curtos colos em “S” ou com carena suave — n.^{os} 29-63, 4-10, 6-13, 4-1, 16- 3, 7-1, 15-26 e Sup-1.

Caracterizam-se em regra por uma decoração plástica (especialmente com cordões), incisa e impressa, sendo o motivo mais frequente o cordão horizontal, liso ou ornado de incisões ou impressões e situado no terço superior da vasilha (n.^{os} Sup-1, 0-1, 1-1, 2-9, 7-1, 16-3, 4-1, 4-10, 15-24, 27-13, 28-1, 29-63, etc.).

É o conjunto mais numeroso e representativo da amostragem cerâmica recuperada no povoado, que o integra no mesmo âmbito cultural que pouco a pouco vai conhecendo-se melhor no Alentejo e no Ocidente da Estremadura espanhola. As relações com a Meseta e continentais que estas cerâmicas, tal como os grandes contentores estampilhados, evidenciam foram já claramente apontadas (Beirão et al., 1985; 1985-86; Berrocal 1989), mas terá de afirmar-se uma forte identidade formal com certos modelos de vasos feitos à mão que se conhecem no Sudoeste durante o Bronze Final (Parreira & Soares 1980).

B — Com pastas melhor depuradas, desengordurantes quartzíticos e micáceos pequenos, acabamento superficial alisado e cozedura mais regular, oxidante, o que lhes confere cores acastanhadas. É um grupo de vasilhas, muito menos numeroso que o anterior e que dele se distingue pela pasta, a cozedura e a indubitável produção ao torno, embora não apresente formas nem decorações diferentes.

Assim, as peças 14⁴⁹, 15-14, 15-15 ou 17-2 apresentam incisões e cordões em formas ovóides, semelhantes aos de fabrico. Outros exemplos decorados mostram uma gama mais ampla, embora sempre dentro das mesmas técnicas: 2-4, 2-5, 2-6 e 2-8 com decorações incisas, impressas, impressas “pseudoexcisas” — peça 2-4 — e com dedadas.

C—O terceiro fabrico é configurado pelos chamados grandes contentores e pelos grandes vasos de provisões. Com pastas medianamente depuradas, que mostram desengordurantes quartzíticos pequenos e

mesmo médios, cozeduras de tendência oxidante (embora as alternas presentes), que conferem aos recipientes cores acastanhadas mais ou menos escuras, e com um acabamento superficial alisado, estes contentores apresentam formas globulares com gargalos curtos, curvados para fora e bases planas pouco destacadas. O único padrão decorativo até agora documentado — fragmento 30-2 — é uma linha de estampilhas triangulares em forma de ângulos agudos concêntricos.

Estes grandes contentores estampilhados são exemplares bem conhecidos em todo o Alentejo durante este período, especialmente no depósito votivo de Garvão mas igualmente em muitos outros sítios já escavados, com datações que de um modo geral oscilam entre os séculos V e III a.C. (cf. p. ex. Beirão et al., 1985: 73; Arnaud & Gamito 1974-77; Gamito 1983: 70-73; Berrocal 1989).

D — O quarto grande conjunto de cerâmicas é formado pelas vasilhas de pastas depuradas ou com desengordurantes silíceos pequenos, por vezes com inclusão de cerâmica moída, textura compacta e cozedura uniforme e oxidante. São vasos nitidamente feitos ao torno, que é costume considerarem-se produções de origem ou de tradição ibero-turdetana. Sem querer entrar na discutida origem regional destas cerâmicas no Alentejo e no Oeste da Estremadura espanhola, terá aqui cabimento destacar dois postulados: por um lado, as evidentes diferenças nos aspectos formal, técnico e decorativo destes relativamente aos claramente executados pelas comunidades indígenas dessas regiões (p. ex. cerâmicas incisas e impressas, com cordões, estampilhadas); e, por outro lado, a sua presença constante, em proporção variável, em todas as ocupações destes sítios, incluindo formas específicas (porque recorrentes), como é a tigela em calote esférica — peças 2-27, 2-28, 2-31, 17-23, 3-31, 17-1, 2-10 (Beirão et al., 1985: 65).

A homogeneidade formal das cerâmicas de Pomar 1 mantém-se também neste grupo, com duas formas básicas: a mencionada tigela em calote esférica, com bordos simples ou espessados (17-23, 3-31); e a urna de tamanho médio e corpo em “S” pouco acentuado, com gargalos ligeiramente inclinados para fora (Sup-2, 2-21, 2-42, 5-9, 4-13, 3-78, 4-7, 15-26, 29-47). A dimensão mínima dos fragmentos não autoriza a decidir se exemplares como 15-26 ou 30-1 correspondem a vasos semi-abertos, “caliciformes” ou similares.

Não foi observada qualquer decoração neste grupo de recipientes.

E — Como objecto de cerâmica susceptível de ser considerado como importação, recolheu-se um fragmento de bojo com engobe vermelho

(“barniz rojo”). A peça, 16-9, é porém demasiado pequena e pouco significativa para dela deduzir a forma do vaso, mas a sua pasta bem depurada, sem desengordurante visível a olho nu, a cor acastanhada clara e o tratamento espatulado do engobe avermelhado que lhe cobre a superfície externa indiciam a sua inclusão nas conhecidas produções do Sudeste na época ibérica (cf. Cuadrado 1969).

Conclusões e cronologia

A sondagem efectuada no sítio arqueológico de Pomar 1 evidenciou parte de um pequeno povoado localizado sobre uma área plana, suavemente inclinada na direcção do Roxo. A escolha de um lugar cuja topografia não permitia uma defesa fácil e a presença de estruturas habitacionais erguidas com postes e materiais perecíveis apontam para uma ocupação relativamente curta e com uma funcionalidade muito específica.

Esta conclusão é reforçada pela homogeneidade que a cerâmica apresenta — e que, por comparação com conjuntos similares provenientes de outros sítios arqueológicos do Sudoeste (p. ex. Pedra da Atalaia, Alcácer do Sal, Garvão, Capote, Segóvia), poderá datar-se, embora com prudência, do século IV a.C. A importância das cerâmicas feitas à mão e decoradas com incisões, impressões e cordões vem apoiar esta datação, que, não obstante, se torna difícil perante a escassez de formas ou de outros objectos que ajudem a precisar uma data.

Nessa época, devem ter sido abundantes os povoados como Pomar 1, como meio de controlo e de exploração de recursos agrícolas, pecuários ou mineiros que exigissem uma presença mais próxima do que aquela que os povoados de altura, fortificados, permitiam. Não obstante, o carácter perecível destas construções, assim como a escassez do material usado — pela brevidade da ocupação e pela funcionalidade específica que a justificava — são boas razões para compreender-se a dificuldade que há, hoje, em localizá-las e a facilidade com que passaram despercebidas. A sua comparação com os muito melhor conhecidos povoados de altura fortificados, com vista à identificação arqueológica, permite abordar melhor este problema.

O povoado de Pomar 1 encontrar-se-ia, neste sentido, estreitamente relacionado com o vizinho Castelo Velho do Roxo: pequeno castro, forte e eficazmente protegido pela topografia do sítio e pelas suas fortificações, este povoado ocupa um lugar chave no traçado de uma possível

via pré-romana, dominando um vau do Roxo. A falta de defesas que se observam no Pomar 1, instalado em terras férteis, contrasta ali com o carácter principalmente defensivo do sítio, rodeado de terras baixas com um aspecto lamacento, resultado da confluência de diferentes cursos de água.

As funções distintas de ambos os povoados, a julgar pela sua diferente tipologia, podem ponderar-se melhor através do estudo da região onde se integram. Foi neste sentido que se investigou em maior extensão a relação geográfica configurada por uma via, supostamente pré-romana e que se procurou seguir nuns 25 km, no sentido NE-SW, ladeando os povoados de Outeiro do Circo, Pomar 1, Castelo Velho do Roxo e Mangancha, e projectando-se mais para sul, até Garvão. Projectos de prospecções sistemáticas — aliás já em curso — permitirão conhecer muito melhor as redes de comunicação entre estes povoados e aproximar-nos assim das verdadeiras funções que desempenharam durante a Idade do Ferro.

Agradecimentos

Os autores querem expressar o seu reconhecimento aos Drs. Caetano Beirão e Virgílio Correia, não só pela comunicação de dados inéditos e de resultados dos seus trabalhos mas também pela discussão das ideias aqui defendidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNAUD, J. M. & GAMITO, T. J. (1974-1977), *Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal, I-Cabeça de Vaiamonte-Monforte*. “O Arqueólogo Português”, Lisboa, sér. 3, VII-IX, p. 165-202.
- BEIRÃO, C. M. (1986), *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1er. Age du Fer)*. Paris, de Boccard.
- BEIRÃO, C. M., SILVA, C. T. da, SOARES, J., GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (1985), *Depósito votivo de Garvão*, “O Arqueólogo Português”, Lisboa, sér. IV, 3, p. 45-136.
- BEIRÃO, C. M., SILVA, C. T. da, SOARES, J., GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (1985-86), *Um depósito votivo da II Idade do Ferro no Sul de Portugal, e as suas relações com as culturas da Meseta*, “Veleia”, 2-3, 207-221.
- BERROCAL RANGEL, L., 1988, *Excavaciones en Capote (Beturia Céltica) I*, [Serie Nerto-briguense, 1], Fregenal de la Sierra.

- BERROCAL RANGEL, P., 1989, *Materiales cerámicos a mano de una necrópolis nertobriguense*, in: “Actas II Coloquio sobre Celtíberos” (Daroca, 1988).
- BERROCAL RANGEL, L., 1989a, *El castro de Capote y el factor fluvial como pauta del poblamiento prerromano del Guadiana*, in: “1.º Encontro Internacional Sobre o Rio Guadiana” (Mértola, 1989), no prelo.
- BIERS, W. R. et al. (1988), *Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman Site in Southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981-1986*. [BAR International Series, 451].
- COELHO, L. (1975), *Nueva estela insculpada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal)*, “Trabajos de Prehistoria”, Madrid, 32, p. 195-197.
- CUADRADO, E. (1969), *Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico*, in: “Tartessos y sus Problemas” (V Symp. Internacional de Prehistoria Peninsular), Barcelona, p. 257-290.
- DOMERGUE, C. (1983), *La mine antique d’Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca*, “Conimbriga”, Coimbra, 22, p. 1-210.
- DOMERGUE, C. & ANDRADE, R. F., 1971, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal) — Note préliminaire*, “Conimbriga”, Coimbra, 10, p. 100-116.
- GAMITO, T. J., 1983, *A Idade do Ferro no Sul de Portugal Problemas e perspectivas*, “Arqueologia”, Porto, 6, p. 65-78.
- GAMITO, T. J. 1988, *Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The case of Tartessos*. [BAR International Series, 439].
- GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P., 1976-1977, *As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja)—Estudo comparado*. “Setúbal Arqueológico”, Setúbal, 281-344.
- GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P., 1977, *Las esteias decoradas de Pomar (Beja-Aljustrel). Estudio comparado*. “Trabajos de Prehistoria”, Madrid, 34, p. 165-214.
- LLANOS, A. & VEGAS, J. L., 1974, *Ensayo de un método para el estudio y clasificación tipológica de la cerámica*, “Estudios de Arqueología Alavesa”, Vitoria, 6, p. 101-146.
- PARREIRA, R. 1971, *O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja)*, “Arquivo de Beja”, Beja, 28-32, p. 31-45.
- PARREIRA, R., 1983, *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980*, “O Arqueólogo Português”. Lisboa, sér. IV, 1, p. 149-168.
- PARREIRA, R. & SoARES, A. M., 1980, *Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südpotugal*, “Madrider Mitteilungen”, Heidelberg, 21, p. 109-130.
- RODRIGUEZ DIAZ, A. & BERROCAL, L., 1988-1989, *Materiales cerámicos del Cantamento de la Repina (Fregenal, Badajoz)*. “Cuadernos de Prehistoria y Arqueología (UAM)”, Madrid, 15-16, no prelo.
- SCHUBART, H., 1975, *Die Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel* [Madrider Forschungen, 9], Berlin.
- SILVA, C. T. da 1978, *Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)*, “Setúbal Arqueológica”, Setúbal 4, p. 117-132.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. da 1979, *Cerâmica pré-romana de Mir oiriga*, “Setúbal Arqueológica”, Setúbal, 5, p. 159-175.

FIG. 1 — Situação dos povoados da Idade do Ferro da Herdade do Pomar e do Castelo Velho do Roxo e da via de traçado provavelmente antigo que os une.

FIG. 2 — Localização da Herdade do Pomar (1), Castelo do Roxo (2), Cerro da Manganela (3), Garvão (4), Outeiro do Circo (5), Beja (6), Messejana (A), Panóias (B) e das principais minas antigas (x) relativamente a uma via de traçado provavelmente antigo e no Sudoeste da Península Ibérica.

FIG. 3 Pomar 1. Localização da área escavada, no início dos trabalhos, relativamente ao Monte do Pomar.

FIG. 4 Pomar 1. Estruturas habitacionais e solo de ocupação da II Idade do Ferro durante a escavação.

FIG. 5 Pomar 1. Cerâmica. Esc. 1: 3. Des. Fátima Dias Pereira.

FIG. 6 — Pomar 1. Cerâmica.

Esc. 1: 3. Des. Fátima Dias Pereira.

FIG. 7- Pomar 1. Cerâmica, ferro (28-7) e pedra (3-68). Esc. 1: 3. Des. Fátima Dias Pereira.

FIG. 8 Pomar 1. Quadro de formas dos recipientes de cerâmica de fabrico manual. Des. Fátima Dias Pereira.

FIG. 9 Pomar 1. Quadro de formas dos grandes contentores de cerâmica. Des. Fátima Dias Pereira.

FIG. 10—Pomar 1. Quadro de formas dos recipientes de cerâmica depurada feita ao torno. Des. Fátima Dias Pereira.

(Página deixada propositadamente em branco)

FIG. 11 — Pomar 1. Planta das estruturas habitacionais e do solo de ocupação e perfil da escavação em y = 11, 5. Escala 1:50. Des. Lélia Guerreiro.